

ENTRE CONCEITOS E AFETOS: JOVENS TECEM AFROCONFETOS

Silvia Maria Vieira dos Santos¹ – UFC

Djembedom², o tambor me chamou, insistentemente, ele gritava em meus ouvidos para eu escutá-lo, não somente com os ouvidos, mas com todo corpo, com o coração e com a minha memória ancestral. Ainda hoje eu escuto os sons dos tambores, demorei muito para não ter medo de reconhecer o som dos meus antepassados e entender o que queria me dizer esse batuque. (SANTOS, 2011, p. 11)

Constatando a ausência de referenciais históricos africanos e afrodescendentes na escola devido às visões distorcidas da África e do negro comumente veiculadas, fiquei curiosa em saber que conceitos os/as jovens negros/as produzem sobre as Africanidades. Será que a diversidade de jovens negros tem nas africanidades a expressão de sua cor ?

O soar dos tambores me levaram ao movimento de tecer o emaranhado de fios das Africanidades utilizando as coloridas linhas dos/das jovens negros e negras de Fortaleza, do terreiro de candomblé Ilê Axê Olodujolá e do grupo que participa do movimento negro Juventude Negra Kalunga. Estes dois grupos formaram o grupo-pesquisador desta investigação. Um ser coletivo que se comporta como grupo-sujeito da pesquisa, como se fosse um único pensador, percorrendo vários caminhos que, às vezes são contrários, ou que se encontram.

Meu objetivo era entender que conceitos os jovens negros teciam sobre as africanidades a partir da realidade no qual estavam inseridos. Como objetivo específico queria perceber também a diversidade desses conceitos, levando em consideração a pluralidade da juventude negra.

A sociopoética foi o método que me acompanhou neste movimento circular de produção de novos conceitos chamados confetos, que são misturas de conceito e afeto, a partir de um tema gerador e que potencializa o grupo como elaborador de conhecimentos, constituindo-se co-participante da pesquisa.

O diferencial deste método está no fato de propiciar a produção do pensamento do grupo-pesquisador através da produção de confetos, pois o grupo alvo é convidado a se

¹ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará

² Em língua mandiga significa a fala do tambor. Essa palavra se relaciona com o Djembê, um instrumento musical, um tambor milenar originário da Etnia Malinkê (Guiné/Mali), confeccionado em forma de taça a partir do tronco de uma árvore sagrada.

transformar em co-pesquisador, participando de oficinas organizadas pelo/a pesquisador/a oficial. Nessas oficinas os/as co-pesquisadores/as são levados/as a produzirem seus conceitos acerca do tema gerador (aqui africanidades) mediante linguagens artísticas e/ou simbólicas. O resultado foram conceitos perpassados pelos afetos suscitados pelo estranhamento gerado pelas técnicas pouco convencionais.

Portanto, para entender a tessitura de confetos das Africanidades na ótica juvenil, convido você a percorrer os sons deste artigo através do percurso da produção de confetos, bem como da análise filosófica destes.

O PERCURSO DA PRODUÇÃO DE CONFETOS

13 de abril de 2009. Dirigi-me ao bairro do Mondubim, em Fortaleza, onde se localiza o terreiro Ilê Axê Olojudolá³.

Neste dia o grupo-pesquisador foi formado por adolescentes e jovens do terreiro de candomblé, 7 meninos e 1 menina e do grupo do movimento negro, 3 meninos e 1 menina, que participaram de forma integral dessa fase.

As oficinas de produção de conceitos fazem parte da primeira etapa da pesquisa sociopoética. São constituídas de técnicas preparadas para causar estranhamento, aguçando os diferentes sentidos corporais, e a criatividade do grupo. As técnicas de pesquisa foram iniciadas com um alongamento e um trabalho de respiração para conseguir obter a concentração do grupo.

A técnica apresentada neste artigo intitulou-se de “Os Territórios das Africanidades”. Iniciamos a com uma apresentação do grupo e das facilitadoras⁴, bem como da proposta da pesquisa. Em seguida dividi o grupo em duplas e trios a partir dos elementos da natureza (água, fogo, terra e ar), vendei os co-participantes e pedi para que os mesmos dançassem ao som de uma música africana e que a dança fosse relacionada ao elemento da natureza que a pessoa escolheu ou foi indicado para a formação do grupo (dupla ou trio). A dança foi realizada nos três planos baixo, médio e alto.

Após a dança os/as jovens foram lentamente sendo desvendados/s e aqueles grupos iniciais se sentaram em círculo diante de argila e alguns elementos da natureza como folhas, galhos e flores, nesse momento pedi para que construíssem os territórios das africanidades.

³ O terreiro localiza-se na Rua Jorge Raupp, 422, Mondubim, Fortaleza- Ceará

⁴ Este dia Raissa de Almeida facilitou junto comigo a oficina de produção

Cada grupo tinha um tempo, que não era totalmente determinado, para realizar a produção, porém ao escutarem o som do atabaque eles tinham que se deslocar para outro território dando continuidade à produção do grupo vizinho, realizando uma construção coletiva dos territórios das africanidades. Essa produção itinerante teria todas as mãos e contribuições. O deslocamento se dava de forma circular até que o grupo voltasse para o seu território inicial.

Após o momento de produção, pedi para que os grupos dessem nomes aos territórios e em seguida falassem sobre a produção, os seus elementos e a relação desses territórios com as africanidades. Foram partilhados os sentimentos aflorados na técnica desde a dança inicial dos elementos até a produção final dos territórios. A relação do círculo com as africanidades também foi explicitada pelo grupo.

Esses dados, por sua vez, passaram primeiramente por uma leitura atenta sendo agrupados em categorias para um melhor entendimento dos relatos. A Análise Classificatória, como é chamada esse momento, procura categorias no conjunto dos relatos. O objetivo é perceber a estrutura do pensamento do grupo em meio às falas e dados escritos pelo grupo. Isso não quer dizer que não exista uma interrelação entre as ideias expostas, contudo é importante fazer a categorização para um bom entendimento das ideias do grupo.

A partir do agrupamento das vozes do grupo-pesquisador estabelecemos também relações de convergências, divergências, oposições e até paradoxos dentre as falas de todas as categorias encontradas.

Desta técnica descobrimos as seguintes categorias: **I. Sentimentos da dança dos elementos; II. Relação da dança dos elementos com as africanidades; III. Os movimentos das africanidades; IV. Nome-Território das africanidades; V. Elementos dos territórios das africanidades; VI. Relação dos territórios com as africanidades; VII. Sentidos do círculo/roda; VIII. Sentimentos, sensações e lembranças.**

Após a análise das categorias, realizei o Estudo Transversal, um texto literário que destaca as ligações, convergências e divergências dos conceitos tecidos entre as categorias. Escolhi, para tanto a forma literária de História em Quadrinhos, intitulada: **Procura-se Mombaça - território das africanidades**, destacando os confetos encontrados e a relação entre os mesmos.

FILOSOFANDO COM AS AFRICANIDADES

Ao analisar os conceitos formulados pelo grupo-pesquisador notei algumas convergências com as noções atribuídas por autores como Henrique Cunha (2001), Kabengele Munanga (2007) e Petronilha Silva (2005). Para eles e ela, as africanidades referem-se à diversidade cultural africana dentro de uma matriz comum. Dessa forma não podemos falar africanidade, mas africanidades devido a complexidade dos elementos africanos existentes.

Esses autores ressaltam os seguintes aspectos como constituindo a matriz comum: todas as tradições africanas têm a ancestralidade como referência, o que envolve o reconhecimento da origem da comunidade, a valorização da tradição, a relação entre a vida material e imaterial, a concepção da morte como excedente de vida e mudança para outro ciclo, a importância dos laços de linhagem, de parentesco e de família estendida, onde os anciãos desempenham um papel de destaque na educação e no convívio social; o corpo enquanto ligação ancestral, valor simbólico e função social, sendo que não há separação entre corpo físico e espiritualidade; a origem divina da palavra que se manifesta na oralidade expressa pelo ser humano e pelo tambor; a terra como bem comum sagrado, mãe de todos os seres humanos; o axé enquanto circulação da força vital e energia dos elementos animais, vegetais e minerais, entre outros.

Os dois últimos autores ressaltam que existem as africanidades brasileiras, elementos tipicamente brasileiros, mas que nem por isso deixam de ter a África como referência primordial.

Silva (2005) considera ainda as africanidades como um modo de ser, de viver, de organizar suas lutas próprias dos negros brasileiros, bem como o jeito de conviver, de ver a vida, o mundo e o trabalho. Para ela as africanidades também são as formas de construção da nação brasileira das quais os negros tiveram participação predominante.

O conceito de africanidades brasileiras tem como elemento constitutivo a ideia de “(re)elaboração”. “As africanidades brasileiras são reprocessamentos pensados, produzidos no coletivo e nas individualidades, que deram novo teor às culturas de origem”. (CUNHA, 2001, p. 12)

A ideia de (re)elaboração explica construções inexistentes nas culturas africanas e presentes nas africanidades brasileiras, tais como o candomblé, a capoeira, os quilombos, o samba. Porém, as bases destas novas construções brasileiras estão na diversidade cultural africana.

Daí estudar as africanidades brasileiras significa conhecer, compreender e valorizar a história e cultura dos africanos (um jeito peculiar de ver a vida), estabelecendo vínculos com a

ancestralidade através de lugares de constituição de identidades, tais como os espaços de cultura tradicional africana e afrodescendente; comunidades de terreiros, folias de reis, maracatu, samba, roda de capoeira, etc.

Destacando o aspecto da ancestralidade, os co-pesquisadores produziram o confeto **Africanidades – energia da roda experiência** enfatizando as experiências dos antepassados, a contribuição dos mais velhos ao contar histórias utilizando a roda como espaço mítico, destacando a energia que é sentida quando se está em círculo, o movimento da roda, a ideia de ir, voltar, transformação.

Este confeto me traz algumas ideias, primeiro, com relação à experiência dos mais velhos lembro as palavras de Hampaté Bâ, “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”, se referindo à contribuição e partilha dos sabores e saberes desses nossos ancestrais, pois o saber “é a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente” (2003, p. 175)

Para Cunha, a ancestralidade é marca de permanência do ser sobre o tempo. É a partir dela que se combinam os processos de conhecimento e de evolução do mundo, sendo esta ideia convergente com o confeto anterior que utiliza a roda, o movimento, a transformação como espaço mítico de materialização da ancestralidade. A partir do movimento da roda essa ancestralidade se transforma num elo de continuidade renovável.

“No conceito de ancestralidade e do respeito a ela se fundam os princípios da organização social e da interação do ser humano coletivo com os demais seres da natureza” (CUNHA, 2005, p. 262)

Penso que a energia da roda-movimento que tem poder de transformação é o AXÉ. Essa força circulante capaz de engendrar a criação e a expansão da vida é o elemento mais importante do patrimônio simbólico preservado e transmitido pelos africanos escravizados e afrodescendentes. Afinal, os seres humanos, a terra, os bichos, as plantas, os minerais, e todo o universo é repleto de axé.

Ainda com relação à ancestralidade apresento os confetos **africanidades-origem da dança, africanidades-dança resgate ancestral e africanidades-dança de todos os elementos**, as duas primeiras por afirmarem a origem africana da dança e o resgate da cultura africana a partir da dança. O último confeto ressalta a herança da dança que contempla todos os elementos herdados pelos africanos. A dança como elemento de unidade diante da diversidade cultural africana.

Comungando com os confetos que tratam da ancestralidade, peço licença aos autores referenciais para trazer presente as ideias de Eduardo Oliveira ao dizer que:

A ancestralidade é a principal componente da cosmovisão africana como também orchestra o funcionamento dos outros elementos. Sejam elementos ligados ao sagrado, como a “força vital” e os “ritos funerários”, ou elementos relacionados com o profano, como a “produção” e a “socialização”. (2007, p. 182)

Os modos de ser, de viver e conviver e de ver a vida estão presentes nos confetos **africanidades-dança da vida e da convivência**, destacando o cotidiano, as vestimentas e calçados (ou a falta deles); **africanidades-território natureza**, que retrata a convivência do ser humano com a natureza, plantas, animais, água, terra; **africanidades-natureza maternal**, revelando que o cotidiano das pessoas é baseado no afeto, “os bichos cuidando dos ovos, as mães cuidando dos filhos”; **africanidades riqueza ao nosso modo** desconstruindo o pensamento de que a riqueza é uma dádiva do ocidente com seus bens materiais e instrumentos tecnológicos, esse confeto traz a liberdade como símbolo de riqueza.

Animada com a ideia de “riqueza ao modo africano-afrodescendene” parafraseio o cacique Luther em Urso em Pé apud Sodré (1988, p. 29), dos Oglala Sioux que se opôs radicalmente a concepção ocidental de natureza como algo oposto à cultura (território selvagem # território civilizado).

Não se nos afiguravam como “selvagens” as grandes planícies abertas, as belas colinas onduladas e os rios serpenteando através do emaranhado da vegetação. Só para o homem branco a Natureza não passava de selvagens e somente para ele o país estava “infestado” de animais ferozes e de gente “selvagem”. Para nós, tudo era mansidão.

No confeto **africanidades-terreno africano nação** a forma de se comportar e ver o mundo tipicamente afroancestral destaca-se através da cultura, da solidariedade e da comunhão pensadas no grupo-pesquisador como marca do território-nação. Já os confetos **africanidades-evolução mudança negreira** e **africanidades-novos horizontes** apontam para a capacidade dos africanos e afrodescendentes manterem-se num constante movimento de reatualização e de construção de algo novo.

A ênfase na terra como bem sagrado primordial apareceu nos confetos **africanidades-terra terreno território**; **africanidades-terra lugar de oração/tradição/violência**, lembrando as diferentes maneiras de se relacionar com a terra e vários aspectos dos lugares tais como: de oração, de tradição, de morte, violência. A diversidade de territórios (macio, não tão bom) também é enfatizada no confeto **africanidades-novas terras descobertas** dando

uma conotação de que o africano (afrodescendente) foi em busca de novas terras para viver. Em contraposição ao confeto anterior destaco **africanidades-terra sofrimento** que ressalta o sofrimento que o povo africano passou por ter saído de sua terra natal para outros locais (terreno não tão bom, brasa, gelo, terrenos piores ainda). Essa ideia revela os estereótipos acerca dos escravizados que afirma apenas o sofrimento destes povos e não desvelando a sua contribuição na formação deste país.

Outro confeto que se refere ao aspecto da terra como elemento das africanidades é o **africanidades dualidade da terra** que remete a terra enquanto movimento da dança, movimentos leves, mas agressivos (inofensiva e agressiva). Movimento de reatualização e constante de fertilização como também o confeto **africanidades círculo centralidade** que paradoxalmente relaciona o centro do território á uma ideia de proteção, contribuição porém se reatualiza em centralização de forças, energias, ações, poder que juntas acabam se fortalecendo.

O confeto **africanidades-terra natureza e liberdade** se relaciona com a imagem de “africanidade mais livre, mais natureza” remetendo ao anseio por liberdade e a relação que temos com a natureza. Isto me lembra outros dois confetos **Keto-território livre** onde existe um território de livre acesso das pessoas, um território livre “onde a porta tá aberta o tempo todo”, Ketu – cujo rei é Oxossi o caçador, que proporciona a riqueza, fartura e abundancia; e **africanidades-liberdade e riqueza** que destaca a diversidade de nações “(com reis, rainhas, outras nações mais pobres) dentro de um mesmo território (África) como se fosse uma nação dentro de outra”.

Esta imagem de uma nação dentro de outra nação é semelhante ao pensamento de Munanga (2007) ao afirmar que as semelhanças entre as diversas culturas existentes no continente africano apresentam certa unidade de caracteres que conferem ao continente uma fisionomia própria, comum às culturas e civilizações africanas.

As ideias que relacionam terra e território, transmitidas nos confetos, destacam o território como elemento importante para a formação de identidades grupais/individuais, pois ele é o ‘espaço exclusivo e ordenado das trocas que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal’.

A diversidade desses territórios e suas diferentes maneiras de se relacionar, bem como o movimento de organização e reorganização espacial me levam a pensar no espaço do terreiro enquanto guardião do axé e dispositivo espacial de preservação da cultura africana e afrodescendente.

O terreiro implica, ao mesmo tempo (a) num continuum cultural, isto é, na persistência de uma forma de relacionamento com o real, mas reposta na História e, portanto, com elementos reformulados e transformados com relação ao ser posto pela ordem mítica original, e (b) num impulso de resistência à ideologia dominante, na medida em que a ordem originária aqui reposta comporta um projeto de ordem humana, alternativa à lógica vigente de poder. (SODRÉ, 1983, p. 120)

A grande diversidade de origens da diáspora foi evocada através dos confetos **Keto-terra de todas as raças** que ressalta um território (Keto) protegido por Oxossi que abriga um pouco de tudo e povos de todas as raças como no processo de diáspora africana e **africanidades entrada livre** como dinâmica da construção tendo um pedacinho de todo mundo no território. Estes pensamentos convergem com a opinião dos autores peritos que reconhecem que não se pode homogeneizar a África como se se tratasse de um país.

De certa maneira este último confeto se relaciona muito bem com o pensamento dos autores acerca da contribuição dos/as negros/as escravizados/as e afrodescendentes com a formação da economia, cidadania e da nação. Em consonância a esta ideia estão também os confetos **africanidades-contribuição na construção** que apresenta o pensamento de contribuição, de soma e multiplicação, e não subtração diferente dos colonizadores que para imporem o seu domínio tentaram exterminar povos e culturas. O confeto **círculo-roda das africanidades** destaca a contribuição dos povos africanos e afrodescendentes a partir da cultura e da vivência, do conteúdo e criatividade destes povos. A economia informal, a criatividade e a utilização da terra/natureza é destacada no confeto **africanidades-estátua arte da sobrevivência**. Neste confeto a arte é utilizada para arrecadar dinheiro em função da sobrevivência da família e não como abordam os autores ao relacionarem a arte africana com a religiosidade e às práticas rituais.

A relação com a natureza estabelecida através de uma interdependência entre mundo material e imaterial é vislumbrada nos confetos **africanidades árvores sagradas do território**, destacando as árvores como objetos de culto dos mais antigos, símbolos de espíritos. As árvores aparecem em todos os territórios das africanidades indicando uma estreita relação entre o sagrado e a natureza, como se as árvores se tornassem parceiras do ser humano num “jogo em que cosmos e mundo se encontram”.

Os confetos **santuário-africanidades**, que traz a ideia de um local de crença onde se fazem os cultos e oferendas além da “distribuição da caça para que toda a nação seja próspera”; **africanidades religiosidade sincrética**, que lembra reza e procissão e mistura o catolicismo às religiões de matriz africana, ligando os orixás aos santos católicos (quando

imagens de orixás eram colocadas atrás de uma imagem de santa católica); **africanidades-território dos orixás**, o qual associa os territórios aos orixás que representados pelos templos protegem as pessoas.

O confeto **africanidades-território família** desvela a ligação entre o território ancestral e a família destacando a proteção, entre os núcleos familiares, como uma característica importante nesta relação.

A ideia de contribuição da cultura imaterial, a partir da religião, das trocas entre as culturas, partilhas culturais e vivências foram produzidas nos confetos **africanidades-cultura relação**, ressaltando o candomblé e a proteção dos orixás como parte da cultura e a intensidade da cultura através do conteúdo e das vivências; **roda espaço das africanidades** considerando a roda como espaço de trocas culturais onde os africanos deixaram tipos de culturas e pegaram outros tipos de cultura; e **africanidades roda que espalha as culturas** deixando a cultura se espalhar e se aprimorar, porque os africanos deixaram o que tem de melhor nos vários deslocamentos que fizeram e na construção de seus territórios.

Estes confetos comungam com o pensamento de Silva (2005) ao afirmar que as africanidades brasileiras ultrapassam os eventos materiais (as religiões de matriz africana, um prato de sarapatel ou feijoada, uma apresentação de capoeira, uma congada) e se constituem nos processos que geraram tais eventos os quais são incorporados pela sociedade. É nessas elaborações que os africanos escravizados e afrodescendentes vão deixando nos outros grupos étnicos suas influências e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as destes num movimento de troca, significação e ressignificação impregnando a vida de todos nós, negros/as e não-negros/as.

O corpo como veículo performático da ancestralidade, valor simbólico e função social é evocado nos confetos **dança africana-afrodiverso**, referindo-se aos diversos sentidos da dança africana tais como: a guerra, a proteção, marcação de território e a alegria; **dança-elemento das africanidades**; **dança-essência das africanidades**; **africanidades-dança expressões** remetendo-se a expressão do corpo, de se abrir e se jogar; **natureza-africanidades corpo** que destaca a arte, a música a forma de dançar, a relação entre a natureza (água e fogo), o tratamento do corpo e a religião (Iemanjá que é dona do ori-cabeça); **dança- africanidades corpo e seus desdobramentos africanidades corpo e africanidades alegria** como expressão do corpo (ombros, braços, pernas, mãos, orelha), diversão, alegria divergindo quanto ao sentido e local da dança, pois o primeiro afirma que a dança significa apenas corpo e só se vê esse tipo de dança na África enquanto o elemento alegria só se vê aqui

no Brasil. Já o segundo ressalta exatamente a alegria como motivo da dança enquanto direito pelo trabalho realizado.

Para Sodré (1988) O corpo ao relacionar-se festivamente com o espaço pela dança, pela liberação dos sentidos, o indivíduo modifica sua energia, a sua força pessoal, e seduz a diferença étnica para uma maior sensibilização em face do mundo.

Para Petit et al. (2006) o corpo possui um vínculo com o território, com o lugar. E é nele que estão as marcas de identidade do parentesco religioso, social, étnico e político, ou seja, o corpo mostra quem somos e como nos relacionamos com o cosmos. A ligação entre o corpo e o território está expressa nos confetos **dança africana-afrodiverso, natureza-africanidades corpo, dança- africanidades corpo** citados acima.

O confeto **natureza-africanidades corpo** vai confirmar que o corpo vincula-se ao sagrado como uma experiência de apreensão da herança ancestral. A corporalidade se define em termos grupais, ritualísticos, numa coesão comunitária. “Por meio da corporalidade, resolve-se o problema da dicotomia entre o singular e o coletivo, equilibrando-se o desenvolvimento da singularidade com a pressão do grupo”. (Sodré, 1999, p. 181)

CONCLUSÃO

A pesquisa sociopoética me proporcionou novos olhares, tanto a respeito das africanidades como em relação ao grupo-pesquisador, pois me ajudou a olhar o grupo como agente potencial do pensamento e de produção de conceitos, desconstruindo a ideia de que o grupo a ser pesquisado é aquele que serve apenas para sugarmos suas experiências ou salvá-los de uma situação de opressão.

Apesar de os jovens apresentarem um conhecimento restrito sobre a África e as culturas afrodescendentes, produziram conceitos bastante diferenciados dos estereótipos comumente veiculados, apresentando inclusive pontos de convergência com as concepções dos estudiosos da área.

Notei que a Sociopoética foi potencializadora de uma maior multiplicidade e diversidade de visões sobre as africanidades, o grupo apresentou alguns aspectos que os autores não apontam ou não frisam.

Desenvolvi também a partir da pesquisa um material didático a ser trabalhado nas escolas, uma história em quadrinhos intitulada: Procura-se Mombaça: Território das africanidades. Este material foi recomendado pelos/as jovens como material didático em vista

da desmistificação das religiões de matriz africana e de outros aspectos da cosmovisão africana.

De acordo com o grupo-pesquisador, as africanidades só serão trabalhadas de fato na escola, quando professores e funcionários respeitarem as religiões de matriz africana e os/as jovens que as praticam, reconhecendo a importância da cultura africana e afrodescendente como referenciais de brasilidade.

Para que a escola seja um território alternativo para a os alunos negros e negras, devemos pensá-la na perspectiva de um lugar de trocas e experiências de negros e não-negros, onde a valorização da diversidade e da igualdade sejam pilares de mudança de uma história de discriminação e exclusão a que crianças e jovens negros/a estão submetidos no interior do ambiente escolar.

Neste sentido é condição *sine qua non*, para entender a história e cultura brasileira, conhecer e reconhecer a importância da história e cultura africana e afrodescendente, percebendo as lógicas por meio das quais os negros/negras, em especial os/as jovens, atribuem sentidos ao mundo, destacando aspectos pouco explorados de sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. Africanidades, Afrodescendência e Educação. **Educação em Debate**, Fortaleza: v. 23, n. 42, p. 5-15, 2001.

_____. História e Cultura Africana e os elementos par uma organização curricular. **Temas em Educação**, v. 14, p.153-185, 2005.

MUNANGA, Kabengele. O que é africanidades. **Vozes da África**. São Paulo, Biblioteca Entrelivros, Série Edições Especiais, nº 06, p. 8-13, fev. 2007

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da ancestralidade**; corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba:Gráfica Popular, 2007.

PETIT, Sandra; Silva, Cláudia Robéria da; CASTRO, Inerê Nobre de; SILVA, Samuel Aquino Vieira da. **Corpo e Dança do ser negro no imaginário de jovens e crianças de uma comunidade quilombola cearense**. Comunicação, IV Encontro de Pesquisadores Negros. Salvador: UFBA, 2006.

SANTOS, Silvia Maria Vieira dos. **Africanidades e Juventudes: tecendo confetos numa pesquisa sociopoética**. (dissertação de mestrado) UFC. Fortaleza, 2011.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros** – identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999. 2ª ed.

_____. **O Terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1988.